



EXPRESSIVIDADE E REPRESENTAÇÃO NO JOGO DE LINGUAGEM DAS SENSações

Mirian Donat¹

Resumo: O artigo tem como ponto de partida o parágrafo 300 das *Investigações Filosóficas*, em que Wittgenstein afirma que, no jogo de linguagem com as palavras “ele tem dores” entra a representação da dor, apenas não como imagem. O objetivo é esclarecer a distinção entre representação e imagem e o modo como a primeira entra no jogo de linguagem das sensações, já que não é como imagem, e como, nesse processo, a representação da sensação resulta de uma articulação entre expressão e linguagem. Para isso, trataremos dos seguintes pontos: primeiro apresentaremos a crítica de Wittgenstein às concepções de significado que se baseiam em uma noção de representação como uma imagem na mente, causada pela experiência do sujeito. Depois, contra essa noção, mostraremos que, para Wittgenstein, a representação é linguística e que a experiência não pode ser considerada de uma única forma, mas a partir da multiplicidade de significados que recebe em nossas formas de vida. Por último, consideramos o papel da expressividade no jogo de linguagem das sensações, para mostrar como esta função da linguagem pode esclarecer os modos como a experiência e a linguagem se articulam para formar uma representação da dor.

Palavras chave: Expressividade; representação; imagem; experiência.

1 Universidade Estadual de Londrina – UEL. Email: donat@uel.br

Expressiveness and representation in the language game of sensations

Abstract: The article takes as its starting point paragraph 300 of *Philosophical Investigations*, in which Wittgenstein states that, in the language game with the words “he has pains” enters the representation of pain, just not as an picture. The objective is to clarify the distinction between representation and picture and the way in which the former enters the language game of sensations, since it is not as an picture, and how, in this process, the representation of sensation results from an articulation between expression and language. For this, we will address the following points: first, we will present Wittgenstein’s criticism of conceptions of meaning which are based on a notion of representation as an image in the mind, caused by the subject’s experience. Then, against this notion, we will show that, for Wittgenstein, representation is linguistic and that experience cannot be considered in a single way, but rather from the multiplicity of meanings it receives in our forms of life. Finally, we consider the role of expressiveness in the language game of sensations, to show how this function of language can clarify the ways in which experience and language are articulated to form a representation of pain.

Keywords: Expressiveness; representation; image; experience

Segundo Wittgenstein, a expressividade é central para a compreensão do jogo de linguagem das sensações. Apesar de tratar mais detidamente desta questão nas *Observações sobre a filosofia da psicologia*², podemos encontrar observações nas *Investigações Filosóficas* que contribuem para o esclarecimento da relação entre a expressão e a linguagem das sensações. Nesse artigo, vou me deter na passagem do parágrafo 300 desta obra, onde Wittgenstein afirma que no jogo de linguagem com as palavras “ele tem dores” entra a representação da dor, mas não como imagem.

A passagem não trata diretamente da questão da expressão ou da expressividade da linguagem. Entretanto, acreditamos que ela possa ajudar a compreender o tema, na medida em que, para Wittgenstein, para podermos expressar nossa própria dor ou atribuir dor aos outros, por exemplo, precisamos de uma representação do que significa “dor”. Pretendemos, nesse sentido, esclarecer o que significa ter uma representação da dor que não seja uma imagem e por que, nessa representação, a expressão da dor ocupa um papel fundamental.

2 Nesta obra encontramos afirmações como esta, por exemplo: “os verbos psicológicos se caracterizam pelo fato de que a terceira pessoa do presente é identificável pela observação, e a primeira pessoa não. Sentença na terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente: manifestação” (WITTGENSTEIN, 2008, § 63).

Para mostrar como isso acontece, antes precisamos tratar de duas outras questões vinculadas ao tema. Primeiro apresentaremos a crítica de Wittgenstein às concepções referencialistas de significado, que se baseiam em uma noção de representação como uma imagem na mente, causada pela experiência do sujeito. Depois, contra essa noção, mostraremos que, para Wittgenstein, a representação é linguística e que a experiência não pode ser considerada de uma única forma, mas a partir da multiplicidade de significados que recebe em nossas formas de vida. É enquanto representação linguística da dor que poderemos compreender a articulação entre comportamento e sensação na representação da dor.



No parágrafo 300 das *Investigações Filosóficas*, em meio à argumentação sobre a linguagem privada, Wittgenstein discute o papel da representação na determinação do significado de palavras para sensação, usando 'dor' como exemplo, e afirma, no final deste parágrafo, que "a representação da dor entra, em certo sentido, no jogo de linguagem; apenas não como imagem". Esta passagem ajuda a compreender o funcionamento da linguagem psicológica, pois nela estão implícitas as críticas de Wittgenstein ao modelo referencialista de significação, que não seria capaz de explicar o significado de palavras como "dor" porque se baseia numa concepção de representação como imagem mental. A passagem completa é:

Ao jogo de linguagem com as palavras "Ele tem dores" pertence – diríamos – não apenas a imagem do comportamento, mas também a imagem da dor. Ou: não apenas o paradigma do comportamento, mas também o da dor. – Dizer "a imagem da dor entra no jogo de linguagem com a palavra 'dor'" é um mal-entendido. A representação da dor não é nenhuma imagem e *esta* representação não é substituível, no jogo de linguagem, por algo que chamaríamos de imagem. – Certamente, a representação da dor entra, em certo sentido, no jogo de linguagem; apenas não como imagem.

Para compreender o posicionamento de Wittgenstein precisamos nos voltar para o modo como ele entende o funcionamento da linguagem e da significação ao tempo das *Investigações Filosóficas*. Nessa obra, o significado é concebido a partir do uso das palavras em diferentes jogos de linguagem que, por sua vez, estão ancorados nas formas de vida. O desenvolvimento dessa concepção de significação tem como pano de fundo a crítica de Wittgenstein à chamada visão agostiniana da linguagem, que tem como núcleo uma noção referencialista e essencialista da significação. De acordo com estes pressupostos, as palavras são compreendidas enquanto nomes de objetos e devem revelar a essência desse objeto, de forma exata e definitiva.

Nesse modelo, a definição ostensiva tem um papel fundamental, pois é ela

que faz a ligação da palavra com o objeto nomeado (referido). A definição ostensiva torna-se a regra geral de determinação da significação, em que o gesto de apontar para algo e dizer seu nome é generalizado para o todo da linguagem³. Entretanto, um elemento a mais aparece nessa concepção e se torna especialmente problemático quando se trata da linguagem psicológica, como veremos. Wittgenstein apresenta o problema da seguinte forma:

Esse ensino ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece uma ligação associativa entre a palavra e a coisa: mas o que significa isso? Ora, isso pode significar coisas diferentes; no entanto, pensa-se logo no fato de que, quando a criança ouve a palavra, a imagem da coisa surge perante seu espírito. (WITTGENSTEIN, 1996, § 6).

Aprender o significado de uma palavra seria, de acordo com esta concepção, formar uma imagem mental do objeto com que a criança interage, tendo dele experiências como ver, tocar, etc. A formação desta imagem mental é o que se entende por representação e “querer dizer” algo seria formar esta imagem na mente, dotando a palavra de significação. Por isso, “pronunciar uma palavra é como tocar uma tecla no piano da representação” (WITTGENSTEIN, 1996, § 300).

A noção de que o significado de uma palavra é uma imagem ou ideia na mente tem em John Locke seu representante clássico, na modernidade, quando afirma, no *Ensaio sobre o entendimento humano*, que: “as palavras, na sua imediata significação, são sinais sensíveis de suas ideias, para quem as usa” (LOCKE, 1997, p. 147)⁴. A determinação do significado de uma palavra é resultado de um processo que vai da experiência do sujeito para a formação de uma imagem mental, que se torna o conteúdo que dá às palavras seu significado. E com isso chegamos a uma concepção de que “os significados que devem ser definidos ostensivamente não são objetos externos, mas as ideias dos mesmos; se apontamos a objetos externos nos atos de ostensão é só para evocar as ideias apropriadas” (GARCÍA-CARPINTERO, 2008, p. 102. Tradução nossa.)

Como se percebe, essa é uma visão causalista da significação, uma vez que o significado assim compreendido é resultado de um processo em que a experiência

3 Talvez seja um exagero afirmar que as teorias criticadas por Wittgenstein tenham de fato tomado posições tão radicais, mas tomamos aqui como referência as suas próprias críticas, tais como aparecem nas *Investigações Filosóficas*, desde o primeiro parágrafo, em que afirma, depois de citar Agostinho: “nestas palavras temos, assim me parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana. A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem temos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui”(WITTGENSTEIN, 1996, § 1).

4 Antes de Wittgenstein, Frege também atacou a noção de significado herdada de Locke. Em *Sobre o sentido e a referência* (1978), por exemplo, insiste na necessidade de separar o público (o significado) do privado (as ideias na mente) e o faz a partir da distinção entre o sentido (objetivo) e a representação (subjetiva).

do sujeito com o objeto causa os sinais que a ele correspondem, sendo estes sinais as próprias ideias, e as palavras, por sua vez, serão sinais das ideias. A compreensão e o uso significativo, em consequência, deveriam trazer à mente do sujeito este conteúdo, na forma de uma imagem mental, a cada momento em que fala ou ouve a palavra. As experiências de todos os sujeitos levariam ao mesmo significado, pois decorrem de uma relação direta com o objeto e de como ele é apreendido na experiência imediata, que não poderia ser diferente em cada um dos sujeitos. Se olharmos todos para um objeto teremos todos a mesma experiência dele e teremos também a mesma imagem, que será então o significado da palavra.

Para Wittgenstein o problema com este modelo é considerar que a base da significação é a experiência direta do sujeito com o objeto em questão, sem qualquer relação com outros sujeitos, portanto nenhuma forma de interação social. A significação é o resultado de uma experiência que se desenrola no “interior” do sujeito, num processo que parte da percepção do objeto e dele se forma a subsequente imagem mental, esta sim a significação da palavra, que se apresenta sempre novamente à mente no momento em que se utiliza a palavra significativamente. Esta é a “imagem da essência da linguagem humana” que Wittgenstein tem em vista nas *Investigações Filosóficas*, cujos ecos são percebidos nas teorias da significação contemporâneas a ele, até mesmo no *Tractatus logico-philosophicus*.

Contra essa imagem, a concepção da significação linguística que Wittgenstein desenvolve em sua segunda fase, notadamente nas *Investigações Filosóficas*, tem como núcleo as noções de jogos de linguagem, formas de vida e semelhança de família, que envolvem uma nova abordagem acerca do papel da experiência no processo da significação. Para compreender esse papel é preciso desenvolver uma investigação gramatical para elucidar o conceito de experiência, de acordo com os usos possíveis desta palavra em nossos jogos de linguagem e nas nossas formas de vida.

Esse procedimento demonstra que “experiência” não tem um sentido exatamente definido e delimitado que revele a sua essência comum, mas que ele é um conceito com limites imprecisos. Isso significa que a palavra pode possuir vários significados – vários usos - e nenhum deles pode ser tomado como o significado essencial. Wittgenstein irá questionar a ideia de que a experiência que produz a significação é aquela experiência que é dada imediatamente ao sujeito, a experiência enquanto a produção de um dado fenomênico. “Experiência” é uma palavra que, como qualquer outra, tem seu significado associado as atividades às quais está interligada e delas não pode ser dissociada, em busca de algum ideal de significação. No que nos interessa nesse momento cumpre pensar no papel que a experiência ocupa na constituição das regras de um jogo de linguagem. O núcleo duro da concepção de Wittgenstein diz respeito a sua recusa de que a experiência,

no sentido fenomenológico, possa, sozinha, estabelecer a significação de qualquer palavra, seja para “objetos” externos ou internos.

Isso revela que a experiência não é algo fora da linguagem que dá a ela, de forma causal, o seu significado; a experiência é um dos elementos que constituem o jogo de linguagem, ela está internamente relacionada com a significação e não externamente. Por outro lado, no todo de um jogo de linguagem a experiência pode ter diferentes significados, pois agora pensa-se a experiência humana de forma ampla, em que se considera também o modo como intersubjetivamente ela é articulada e organizada. Ou seja, não é a experiência que, de fora, causa o significado da linguagem, mas a linguagem que estabelece o sentido que a experiência tem, de acordo com as regras que regulam os jogos de linguagem.



Quando refletimos sobre a linguagem das sensações de acordo com o modelo referencialista, somos levados a tomar a experiência da dor, no seu sentido subjetivo, como aquilo que dá à palavra “dor” o seu significado. De acordo com isso, a sensação (experiência) da dor é o seu significado, é o “objeto” que a palavra nomeia, num processo em que o sujeito observa, por introspecção, sua própria dor e forma dela uma imagem, a imagem que será então associada com a palavra a todo momento em que é usada. Se este modelo torna difícil explicar a intersubjetividade da significação das palavras referentes a objetos “externos”, torna-se tanto mais difícil compreendê-la em relação à linguagem psicológica, uma vez que agora o “objeto” em questão é a própria experiência subjetiva e, como tal, inacessível a qualquer outro. O resultado seria uma linguagem privada, cujos significados seriam compreendidos apenas pelos próprios falantes, o que é enfaticamente rejeitado por Wittgenstein ao longo das observações sobre a linguagem privada⁵ e que tem como um dos pontos fundamentais considerar a representação da dor enquanto imagem da dor, o que é um equívoco, pois: “se precisamos representar-nos a dor dos outros segundo o modelo de nossa própria dor, então isto não é uma coisa fácil: pois devo representar-me dores que *não sinto*, segundo dores que *sinto*” (WITTGENSTEIN, 1996, § 303).

Noções tais como a possibilidade de uma linguagem privada seriam consequência dessa visão equivocada da linguagem e de seu funcionamento. O problema está na generalização de certos métodos de significação para o todo da linguagem. No caso da linguagem das sensações, considerar que as palavras e sentenças dessa linguagem poderiam ser explicadas pela concepção referencialista.

5 As observações sobre a linguagem privada iniciam no parágrafo 243 e se estendem até o parágrafo 315 das *Investigações filosóficas*.

De acordo com isso, a palavra é tomada de forma isolada, considerando-se apenas aquilo que ela refere e descreve, o próprio estado interior. Mas, como vimos, para compreender o significado das palavras precisamos investigar o seu contexto de uso, sem o qual elas não têm nenhuma serventia, pois a linguagem só adquire sentido no jogo de linguagem, na conexão das palavras com ações e práticas que são vinculadas a outros sujeitos com quem se interage, numa forma de comportamento que é socialmente moldada. Assim, também o significado de “experiência” precisa ser buscado no jogo de linguagem de que faz parte, investigando a sua gramática, pois são as regras da gramática que dizem o que faz e o que não faz sentido e servem também como critério de correção para o uso das palavras.

É com essa recomendação em mente que voltamos para a passagem citada acima, para tentar elucidar o modo como a representação da dor entra no jogo de linguagem, já que: “certamente, a representação da dor entra, em certo sentido, no jogo de linguagem; apenas não como imagem” (WITTGENSTEIN, 1996, § 300). Para tanto, é fundamental compreender que, assim como a experiência, a representação pode ter diferentes sentidos. Representação pode ter o significado de imagem mental⁶, mas pode também significar o modo como intersubjetivamente instituímos os conceitos que regulam nossos jogos de linguagem, ou ao modo como, aos poucos, vamos elegendo determinados elementos da experiência para torná-los amostras que servirão como regras para o uso futuro das palavras, por exemplo.

Assim, a representação da dor, que entra no jogo de linguagem, não é uma imagem (mental) da dor. O modo como nos representamos a dor uns dos outros envolve a experiência de uma forma em que ela é intersubjetivamente articulada e organizada, de modo a formar nosso conceito de dor ou nosso “paradigma de dor”, sempre considerando as diversas ações e práticas em que estamos envolvidos ao usar tais palavras. Assim, por exemplo, o significado de dor deve levar em consideração a multiplicidade de usos que a palavra tem de acordo com as diferentes situações e contextos, que agregam diferentes elementos na instituição do significado da palavra:

Quando vemos uma criança pequena cair e chorar, dizemos, aflitos: “Você está sentindo dor?” Nesse momento, o que a criança está sentindo passa a ser uma amostra do que é dor. Essa sensação empírica passa a desempenhar um papel transcendental: diz o que é dor. Uma outra situação de dor, por exemplo, uma dor de dente, embora totalmente diferente da dor da queda, será também incorporada ao conceito de dor. Assim, não haverá uma dor essencial, que percorra todas as manifestações de dor, mas apenas um parentesco entre elas, em maior ou menor grau, de modo que podemos a qualquer momento

6 O próprio Wittgenstein não negava (nem afirmava) que uma imagem mental pudesse acompanhar o uso significativo das palavras, não era esse o foco de sua discussão. O que ele negava é que uma imagem mental tivesse algum papel na determinação do sentido.

ter uma nova experiência de dor, nunca antes sentida, mas que, não obstante, reconhecemos como dor. Aprendemos que certas caretas ou determinadas expressões faciais também são representações da dor, quando nos dizem: “Fulano está sentido muita dor, veja o seu rosto!”. Nesse momento, a expressão de dor torna-se paradigma de dor, uma amostra do que é estar sentindo dor”. (GOTTSCHALK, 2010, p. 120)

Cada elemento da experiência torna-se, assim, uma parte do sentido da palavra, servindo como modelo ou exemplo deste sentido. Estes elementos não são exteriores à linguagem, como se fossem as coisas às quais as palavras referem, mas eles mesmos fazem parte da linguagem na medida em que se tornam paradigmas da significação. O comportamento, os gestos, a sensação em si mesma, todos estes são elementos que fazem parte do significado da palavra dor e, portanto, da representação de dor. Não se pode isolar um destes elementos e considera-lo o “significado” da palavra, o que leva a visões unilaterais da significação, ora pensando tal significação como a sensação interior ora como o comportamento externo observável. Todos estes elementos, ao se tornarem paradigmas da dor, transformam-se em regras para o uso correto da palavra, servindo como critérios para o que faz e o que não faz sentido dizer sobre a dor.

Tendo aprendido o sentido de “dor” desenvolvemos a capacidade de realizar diversas atividades, organizadas em jogos de linguagem que envolvem a palavra, aprendendo as técnicas de uso para cada situação particular, tal como a criança que aprende a nomear suas sensações, ou quando associamos a palavra com as expressões faciais de uma pessoa, para descrever nossa própria dor a um médico, para chamar a atenção de alguém quando precisamos de ajuda porque estamos com dor e assim por diante. O acesso a um suposto objeto interno, por exemplo, jamais poderia servir como critério do uso correto, por sua própria condição interna e, portanto, privada, mas exatamente ao contrário. Apenas no sentido em que haja um uso público, constante, que se estabelece como um hábito ou costume, uso este que se constitui na regra para o uso significativo da palavra. Este uso se reflete nas práticas compartilhadas, na ação junto a uma forma de vida comum.

Com isso Wittgenstein se opõe a uma concepção causal da significação, em que as experiências causam o significado, formando as imagens mentais, pois demonstra que o significado é normativo; é no jogo de linguagem, de acordo com suas regras, que se institui o significado da palavra. Resta claro, então, que o fundamental é compreender que o conceito só tem um uso, portanto um significado, em um jogo de linguagem, nas diferentes situações possíveis de uso efetivo das palavras. É num jogo de linguagem que as palavras recebem “sua vida”, nunca de forma isolada, numa relação direta da palavra com um objeto, tal como a associação da palavra ‘dor’ com a experiência de dor considerada como algo interno ao sujeito.

Este procedimento é incapaz de gerar uma regra para o uso da palavra, pois falta um critério independente e público.

No jogo de linguagem organizamos, intersubjetivamente, nossa experiência de tal modo a dar a ela um sentido. Por isso, não é uma relação direta com a experiência, mas na maneira com que a organizamos; é um modo particular de relação, imerso em uma forma de vida específica, com seus interesses, objetivos, etc, em que aos poucos vamos moldando um certo modo de nos representar nossas experiências. A representação unifica em si os elementos da experiência que permitem constituir o sentido de uma palavra, com o que passam a ter uma função normativa no jogo de linguagem, estabelecendo as relações que constituem o sentido da palavra. As relações de sentido não podem ser reduzidas a relações causais, em termos de uma experiência que nos dê um acesso direto ao “significado” da palavra, pois somente no todo de um jogo de linguagem nossas experiências tem um lugar em que podem tomar parte na constituição do sentido.

IV

Portanto, a representação não deve ser pensada como a formação de imagens mentais acerca da sensação, que resultaria de uma relação do sujeito com suas próprias sensações, enquanto experiência subjetiva, mas sim como resultado das relações das nossas experiências com a linguagem, pois é na linguagem, e não na mente, que formamos uma representação da sensação. É deste modo que a representação da sensação entra no jogo de linguagem, enquanto modelo ou paradigma linguístico do que seja a sensação (dor ou qualquer outra). É uma representação linguística e intersubjetiva do que seja a dor, resultado de nossas ações e práticas que tem como base uma forma de vida.

Entretanto, Wittgenstein afirma que não é só o paradigma da dor que entra no jogo de linguagem, mas também o paradigma do comportamento e neste a expressividade ocupa um papel central. Esse ponto é fundamental para compreender o equívoco de certas interpretações acerca da expressividade em Wittgenstein, que a tomam como a manifestação exterior de algo interno⁷, separando comportamento e sensação, sendo o primeiro a manifestação da segunda. Mas o comportamento não é a manifestação externa de algo que se passa internamente no sujeito, pois a consequência inevitável de uma tal compreensão seria a volta do objeto interno

7 Sobre esse ponto Mulinari, 2018. O autor faz uma crítica ao que chama a leitura expressivista de Wittgenstein e a situa nos seguintes termos: “a leitura expressivista alega que, quando significamos o que sentimos, externalizamos na linguagem algo que só nós temos acesso, ainda que somente o que foi externalizado seja público e participe efetivamente da significação. Noutras palavras, é como se na expressão algo oculto fosse manifestado (tornado público) e tivesse ganho significado”.

oculto e privado com todas as suas conhecidas e paradoxais consequências. Como lemos no parágrafo 300, para Wittgenstein, na representação da dor entra, além do paradigma da dor, também o paradigma do comportamento. Entretanto, precisamos ter clareza sobre o modo como o paradigma do comportamento entra no jogo de linguagem, pois este não é um jogo de linguagem descritivo, seja da sensação seja do comportamento. Em Wittgenstein, o comportamento tem de ser considerado em um sentido em que engloba mais do que movimentos corporais, e para isso é fundamental compreender o modo como a expressão da dor entra na representação do comportamento de dor.

A expressão não é a manifestação externa de algo que se passa internamente, pois esta seria uma perspectiva cognitiva de encarar a questão, tomando os estados internos como algo a ser conhecido privadamente pelo sujeito e depois comunicado aos outros por meio da linguagem. Neste processo se separa o interior do exterior, cada um deles contando com modos de acesso distintos, o que acarreta em critérios distintos para o significado das palavras relativas a cada um dos “mundos”.

Para Wittgenstein a expressividade mostra a *relação interna* entre a experiência subjetiva e sua possibilidade de exteriorização. O funcionamento do jogo de linguagem psicológico está assentado na capacidade que o ser humano possui de expressar, em seu comportamento, sua vida interior. Por isso, a expressão da experiência pela linguagem se baseia no fato de que ela é uma forma de comportamento que substitui o comportamento expressivo natural. Ela pode ser realizada de forma pré-linguística, como quando choramos ou gritamos de dor, mas pode ser realizada também por meio da linguagem, em que são usadas palavras e sentenças em lugar do choro e do grito, no sentido de que a linguagem substitui o comportamento expressivo natural. Por isso, a base da expressão não é a experiência subjetiva tomada isoladamente, mas esta experiência em sua relação interna com a sua expressão no comportamento.

Como se lê no parágrafo 243 das *Investigações* a criança aprende, em um primeiro momento, a expressar sua própria dor por meio de palavras e sentenças, sendo a conexão entre a palavra e a sensação realizada por meio da substituição da expressão natural pela expressão linguística. A expressão da dor por meio de sentenças em primeira pessoa é também a primeira ação dentro de inúmeras outras possibilidades que vão sendo aprendidas ao longo de nossa existência, o que vai, pouco a pouco, incrementando as possibilidades de expressão da experiência.

Importante salientar que, desde o início, a expressão só tem sentido quando pensada em um contexto intersubjetivo, a criança expressa sua dor para chamar a atenção do adulto ou para que seja confortada. E essa é a marca da expressividade, ela é sempre relação com o outro, é na alteridade que se assenta o sentido da expressão.

A expressão da sensação é sempre uma relação de um sujeito para com um outro, de quem se espera compreensão e uma certa atitude, que se revela na forma como se age em relação à expressão.

Por isso, é preciso considerar o contexto em que se expressa a experiência, pois ela só tem sentido se pensada no todo de um jogo de linguagem, em que se tem o sujeito que expressa sua própria experiência numa relação com outros sujeitos que, por sua vez, compreendem a expressão de acordo com as regras que foram intersubjetivamente constituídas para que isso fosse possível. Ou seja, a expressão da própria sensação por meio de palavras depende de que se tenha chegado a um acordo acerca dos significados dos conceitos, o que os tornam instrumentos para o desenvolvimento de nossas práticas coletivas.

Evita-se assim a dicotomia interno/externo e a conseqüente noção da expressão como a manifestação externa de algo interior, o que resultaria da consideração da sentença de forma isolada, bem como suas condições de significação, sem relação com o jogo de linguagem. Seria apenas a relação da sentença com aquilo que descreve, no caso, os próprios estados internos do sujeito.

Sendo uma ação no contexto de um jogo de linguagem, a expressão deve ser compreendida como parte de um processo⁸ em que temos vários atores envolvidos. Nesse processo o falante diz algo e com isso expressa sua sensação, mas ele espera do outro uma reação e uma forma de ação correspondente com aquilo que é expressado com sua fala. Assim, quando alguém diz “Estou com dor” realiza o ato da expressão da dor e com ele toda uma série de conseqüências são esperadas: “quero que o outro reaja de determinada maneira ao que digo” (WITTGENSTEIN, 2008, II, § 176).

Por isso, aprender este jogo de linguagem é aprender como usar estas palavras em diferentes situações, as diferentes técnicas de aplicação, os diferentes lances possíveis com estas palavras neste jogo, o que envolve saber expressar sua própria experiência e saber como agir em relação ao outro quando expressa sua própria experiência. Por isso, saber se alguém compreende o significado destas palavras não demanda saber o que se passa em sua mente, se tem ou não uma imagem acompanhando sua fala, mas sim observar o contexto em que a palavra é usada, se segue ou não as regras que regulam seu uso.

Queria dizer, portanto: quando de repente soube continuar, quando compreendeu o sistema, talvez não tenha tido uma vivência particular – que descreverá, se lhe perguntarmos: “Como foi? O que aconteceu quando você compreendeu repentinamente o sistema?”, mais ou menos como o havíamos descrito acima; - mas

8 Conforme BARROSO, 2015, p. 11: “We should understand exteriorization as a process, because it occurs in a sequence of dynamic significance and because it implies an initial moment of intention on the part of the emitter, an intermediate moment of exteriorization, properly said, and an expected and consequent moment of understanding on the part of the receiver”.

para nós são as *circunstâncias* nas quais teve tal vivência que o autorizam a dizer, em tal caso, que compreende, que sabe continuar” (WITTGENSTEIN, 1996, § 155).

“Ensinam à criança um novo comportamento perante a dor” (WITTGENSTEIN, 1996, § 243), ou seja, a criança aprende um modo de representar-se a própria dor e também a dor do outro, por meio do aprendizado da linguagem com a qual se expressa a sensação. Este novo comportamento aprendido envolve a todos, pois aprender o comportamento de dor envolve aprender a comportar-se também diante da dor do outro, saber responder adequadamente à sua expressão. Aprende-se também toda uma forma de vida, pois na maneira como uma forma de vida articula as sensações às suas expressões linguísticas revelam-se também nossos hábitos e costumes diante da expressão da sensação. Por isso, na expressão da dor a articulação entre a sensação e a linguagem é de tal forma constituída que a experiência não pode mais ser reduzida à experiência subjetiva isoladamente. É a experiência diante dos modos como é intersubjetivamente compreendida e conceitualizada, revelando na sua representação toda uma forma de vida sob a qual se desenvolve.

Referências bibliográficas:

BARROSO, Paulo M. *Grammar, expressiveness, and inter-subjective meanings*. Cambridge Scholars Publishing, 2015

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In; Frege, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

GOTTSCHALK, Cristiane. As relações entre linguagem e experiência na perspectiva de Wittgenstein e as implicações para a educação. In: PAGNI, Pedro Angelo e GELAMO, Rodrigo Pelloso (Orgs.). *Experiência, educação e contemporaneidade*. Poiesis Editora: Marília, 2010.

MULINARI, Filicio. *Contra uma leitura expressivista de Wittgenstein*. Kínesis, Vol. X, n° 23, julho de 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations*. London: Blackwell, 1958.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2008.